



## CONDIÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E ECONÔMICAS DO SERTÃO SERGIPANO DE POÇO VERDE/SE

**Alberlene Ribeiro de Oliveira**

Doutoranda em Geografia da Universidade Federal de Sergipe-UFS/PPGEO/GEOPLAN.  
E-mail de contato: alberlenegeo@hotmail.com

**Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto**

Docente do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe  
UFS/PPGEO/GEOPLAN. E-mail de contato: j.elianepinto@hotmail.com

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os reflexos da seca no campo-cidade em contexto multidimensional e as possibilidades e desafios apreendidos sobre a convivência no semiárido a partir de Poço Verde/SE. Os procedimentos metodológicos que delinearam este trabalho foram: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e entrevista semiestruturada com atores sociais. A seca é um dos azares climáticos no município analisada como fenômeno natural e multidimensional. Os sertanejos poçoeverdenses sofrem no período de estiagem e seca, com reflexos no campo-cidade, sendo que há correlação entre os processos naturais, econômicos, sociais e políticos. A dinâmica dos processos naturais integradas às ações humanas promoveu no decorrer da história transformações na paisagem com evidências de degradação socioambiental e econômica, presente no semiárido do município de Poço Verde/SE.

**Palavras-chave:** Paisagem. Seca. Natureza. Sociedade. Políticas Públicas.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the effects of the drought in rural-urban multidimensional context and seized opportunities and challenges of living together in the semiarid region from Poço Verde/ SE. The methodological procedures that outline this work were: literature, field research and semi-structured interviews with social actors. Drought is one of the climatic hazards in the municipality analyzed as natural and multidimensional phenomenon. The poçoeverdense sertanejos suffer in the dry season and drought, reflected in field-city, and no correlation between natural processes, economic, social and political. The dynamics of natural processes integrated to human actions promoted in the course of history changes the landscape with evidence of environmental and economic degradation, present in the semiarid region of the city of Poço Verde/ SE.

**Key words:** Landscape. Dry. Nature. Society. Public policy.

### INTRODUÇÃO

A seca no Nordeste é representada por uma natureza hostil de efeitos lentos e dramáticos. Representa uma condição ambiental, social, política e econômica. Entende-se que a realidade nordestina não se constitui apenas em termos climáticos e nem se reflete tão

somente no campo. Suas vicissitudes se apresentam no campo e na cidade, em diferentes graus de intensidade, conforme a realidade cultural e social das comunidades envolvidas.

A concepção de natureza hostil demonstra o grau de alienação intrínseco ao conceito natureza, cuja leitura direciona para o papel político do Estado e para a hostilidade objetiva de manter a ordem vigente, isto é, o *status quo* justificado pelo elevado poder aquisitivo de uma minoria da população (CARVALHO, 2010, p. 123). E ressalta que,

A concepção externalizada de natureza hostil ganha a leitura determinista pelo Estado Moderno, e o Estado Brasileiro põe em prática ações de intervenção sobre as secas, uma vez que essas foram avaliadas como as causas naturais do atraso e da pobreza no Semiárido. Na concepção de território naturalizado pelas secas, caberia ao Estado-nacional a tarefa de civilizar o território, corrigindo o determinismo natural, cujas intervenções dar-se-iam conta de inserir esse território dentro da ideia de nação forte, redirecionando-o para o desenvolvimento nacional (IDEM, 2010, p. 124).

Historicamente, as ações intervencionistas implementadas pela política de combate à seca mantiveram-se na cultura elitista e excludente do Estado, com elaboração de programas de emergência para assistir aos flagelados e amenizar o problema da escassez de água, com ações e medidas paliativas e assistencialistas, com irregularidades, mau uso dos recursos e favorecimento as oligarquias regionais (MENEZES, 1999). Isso justifica a ideia que a população tem da seca, com uma visão determinista e sem solução de fenômeno natural, imposto por um sistema que camufla as desiguais e rígidas estruturas sociais e econômicas regionais como a concentração de terras e de poder político nos territórios. É um problema antigo, mas que perdura até os dias atuais, especialmente onde há dependência significativa das condições naturais de clima e de solos.

Demo (2000, p.11) corrobora com as discussões sobre as políticas assistencialistas, relatando que “reserva para o pobre uma educação pobre, uma saúde segunda categoria, uma habitação subumana, e assim por diante”. Assim, é possível compreender que o Estado, a partir das políticas paliativas, não atinge a raiz dos problemas e apropria-se da natureza semiárida para camuflar a realidade.

Para Castro (2003, p. 199) “com as secas desorganiza-se completamente a economia regional e instala-se a fome no sertão”. Portanto, a falta de políticas consistentes para solucionar este problema multidimensional, sobrepõe momentos de miserabilidade da população como a fome e a escassez de água potável fazendo com que haja migrações para outras regiões do país em busca de emprego para sustentar a família. Obras literárias como “O

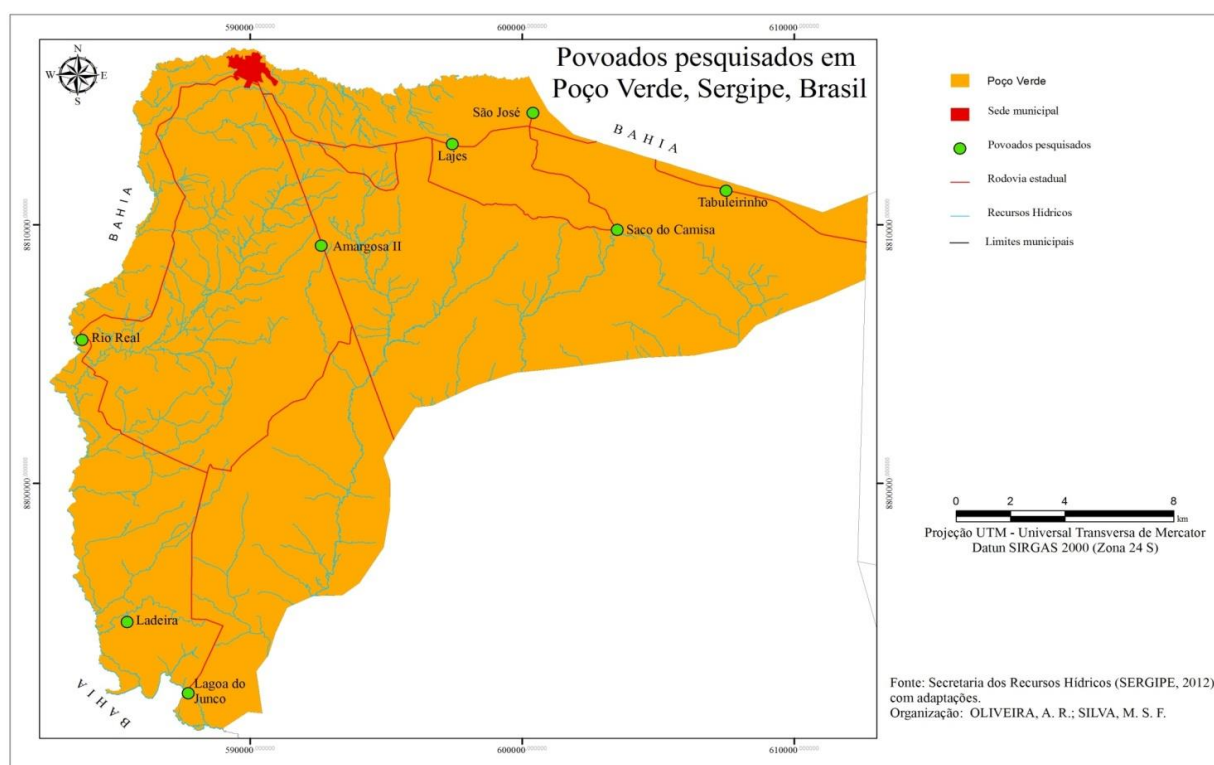
Quinze” de Rachel de Queiroz (1930) e “Vidas Secas” de Graciliano Ramos (1975) retrataram acontecimentos sociais sobre o sofrimento do povo nordestino do século XIX e XX.

Embasados em levantamentos teóricos e em realidades similares, alguns autores da literatura acadêmica Brasileira discutiram sobre a política de combate à seca: Josué de Castro (1951; 2001); Djacir Menezes (1937); Guimarães Duque (1980); Josefa Eliane S. de Siqueira Pinto (1999); Iná Elias de Castro (1992; 2005) Celso Furtado (1959; 1979); Manuel Correia de Andrade (1988; 1999; 2005); Francisco de Oliveira (1993, p.50) dentre outros.

Este artigo tem como objetivo analisar os reflexos da seca no campo/cidade, num contexto multidimensional e as possibilidades e desafios apreendidos sobre a convivência no semiárido a partir de Poço Verde Sergipe.

A elaboração do trabalho foi estabelecida a partir de levantamento bibliográfico e realização de trabalho de campo em oito povoados do município de Poço Verde/SE, a saber: São José, Tabuleirinho, Saco do Camisa, Rio Real, Ladeira, Lagoa do Junco, Lajes e Amargosa (Figura 1) e sua sede local, nos dias oito a treze de abril de 2012, onde foram observadas a paisagem semiárida e a convivência do agricultor com a terra a partir dos levantamentos de dados diretos com os agentes sociais.

**Figura 1:** Distribuição espacial dos povoados pesquisados em Poço Verde, Sergipe, Brasil.



Os critérios para a seleção dos povoados deu-se a partir da divisão de áreas limítrofes do município de Poço Verde Sergipe, considerando as características particulares de dois

espaços, um destaca-se na agricultura (São José, Tabuleirinho, Saco do Camisa e Lajes) e outro na pecuária (Rio Real, Ladeira do Tanquinho, Lagoa do Junco e Amargosa), embora desenvolvem também o plantio de milho e feijão em pequena quantidade. São os maiores povoados com aglomerações de populações residentes próximo da propriedade de terra, que variam entre aproximadamente duzentos a setecentos habitantes. Uma característica homogênea dos povoados é que todos vivem o drama da seca, visto que no trabalho este fenômeno tem uma visão multidimensional, envolvem aspectos naturais, político, econômico e social.

Como apoio ao trabalho de campo foi utilizado câmara digital para realizar os registros fotográficos. Concomitantemente constituiu de entrevistas semiestruturadas e com os agricultores e residentes urbanos do município. Fez-se uso de gravador como forma de garantir a honestidade das respostas e o comprometimento das interpretações. Foram aplicados vinte questionários aos agricultores de cada povoado citado anteriormente, totalizando cento e sessenta entrevistados no campo e setenta amostras de residentes urbanos. As perguntas tiveram caráter qualitativo e quantitativo que auxiliaram de forma significativa na análise do trabalho, pois os mesmos sentiram-se bastante a vontade para falar de suas experiências com a terra, ao qual representa trabalho, subsistência, luta e lucratividade.

Para elaboração do mapa da área de estudo foi utilizado a base cartográfica do Atlas Digital Sobre Recursos Hídricos do Estado de Sergipe/SEPLAN/SRH-2011/12, assim como o Sistema de Processamento de Informações Georreferenciadas na versão do ArcGis 9.3 e suas extensões para geração do banco de dados digitais.

Em suma, os sertanejos poçoeverdenses sofrem no período de estiagem e seca, com reflexos tanto no campo quanto na cidade, sendo que há correlação entre os processos naturais, produtivos, econômicos, relações de trabalho e sociais e políticas públicas. Pesquisas que envolvam abordagens múltiplas devem se desenvolver na perspectiva de que trarão melhores condições de conhecimento e de convivência do homem, no campo e na cidade do semiárido.

## **COMPLEXIDADES DA SECA NO CAMPO-CIDADE**

A seca é, pois, uma questão de escala regional, abordada historicamente pelos seus aspectos ecológicos e políticos, mas que deve ser olhada pela influência de seus múltiplos aspectos nas esferas da Geografia.

O cronista Fernão Cardim em uma de suas viagens por terras da Bahia a Pernambuco, presenciou seca e esterilidade na província de Pernambuco, assinalando o primeiro registro histórico das secas no nordeste em 1587. Menezes (1999, p.116) acrescenta as maiores secas do fim do século XVIII- 1790-1792; no século XIX- 1877-1880; e no século XX as de 1915-1919, a de 1931, a de 1952, a de 1958, a de 1970 e a de 1979-1984, considerada a maior do século, e a de 1991-1992.

Do século XVII ao início do século XX, o significado do semiárido era um sertão seco e de fome descrito por viajantes e cronistas que visitaram o sertão; e neste período ocorrem também ações governamentais, pontuais e emergenciais.

As imagens de calamidade, de pedintes e de retirantes, ritualizando e institucionalizando a vitimação e estereotípias, essa produção de formas de falar e apresentar o semiárido qualificaram tanto a natureza semiárida como pobre, feia, adversa, de vegetação, ‘morta’ quanto o nordestino como ‘cabeça-chata’, o ignorante, a vítima do Sul (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2000).

Em tal contexto, a ideia que se tinha do nordeste na época, desqualificava tanto a natureza semiárida quanto os sertanejos que moravam neste ambiente. Assim Martins (2006, p.174), ressalta que as secas foram associadas à característica principal da geografia do semiárido nordestino, e, sobre este espaço produziram-se representações sociais e um discurso de estereotípias.

Vale enfatizar que no século XX, a natureza semiárida tinha um sentido de hostilidade, considerada uma região problemática, com criação de instituições de políticas de combate à seca. E no final do século XX para o início do século XXI surge novos discursos sobre a dinâmica ambiental semiárida, passa de natureza hostil para natureza sustentável, novos atores sociais com novas roupagens de políticas públicas em espaços local/global.

A literatura como as obras Rachel de Queiróz “O romance *O Quinze*”, lançado em 1930 e “*Vidas Secas*”, lançado em 1938 por Graciliano Ramos nos auxilia a refletir sobre as estruturas sociais presentes e a influência da política no território. É importante destacar que não é o fenômeno climático que gera a fome, apenas tem o poder de ampliar. A conjuntura política de desigual distribuição de terras e concentração de renda, atrelado a ausência e ineficácia das políticas públicas, devem ser responsabilizados por tal efeito.

Josué de Castro<sup>1</sup> (1951; 2001) foi um dos primeiros autores que discutiu acerca desta temática, tentando desconstruir a responsabilidade da fome e da miséria ao fenômeno climático das secas. Segundo o autor, as verdadeiras causas da fome não eram de ordem natural, nem de crescimento demográfico e nem das limitações dos recursos naturais como defendida pelos neomalthusianos, mas está pautada na concentração da renda e da estrutura fundiária, da expropriação dos trabalhadores e da utilização da terra para uma agricultura de exportação.

Nesse sentido, a seca é entendida inicialmente enquanto um fenômeno climático da anormalidade e deficiência de chuva sendo contemplada no imaginário social, a partir dos seus reflexos em assuntos referentes à política e à economia na sociedade.

No tocante a paisagem semiárida do Nordeste é caracterizada pela estação seca e chuvosa. Na leitura de Pinto e Netto (2008, p. 132) ocorrem secas sazonais e contingentes no Estado de Sergipe, apresentando risco para as plantas de ciclo anual que abrangem três estações do ano, ou partes destas, para as lavouras anuais, principalmente os cultivos do feijão e do milho [...] A seca invisível, popularizada como seca verde, também tem registros no clima sergipano, com consequências sobre os cultivos anuais.

Em Poço Verde/SE, o tempo seco se inicia no mês de setembro a fevereiro, embora na estação do verão (dezembro a fevereiro) a temperatura térmica tem oscilado com maior intensidade, devido à amplitude da radiação solar. Destarte, de um ciclo para outro ocorre transformação na natureza não somente no campo, mas também na cidade.

A presença e o *déficit* de água no ambiente semiárido modifica a paisagem tornando-a exuberante ou dando lugar ao seco. No tempo chuvoso, os sertanejos ficam mais felizes, é tempo do plantio, de maior oferta de alimentos e água para os animais, das plantas nativas frutificarem, maior biomassa da caatinga e mais nutrientes no solo; os reservatórios cheios, os rios percorrendo no sertão e maiores possibilidades de vendas no comércio. A ambiência climática torna-se amena e há um conforto térmico local com a presença de chuvas.

Estudiosos do clima do Nordeste Brasileiro, onde se insere Poço Verde, a exemplo de NIMER (1979), MONTEIRO (1999), FERREIRA & MELLO (2006), PINTO e AGUIAR NETTO (2008) entendem e divulgam que o eventual declínio da temperatura está associado à altitude, a nebulosidade e estação chuvosa e a intensidade dos ventos, o que leva os nordestinos à crença de que o inverno da região é a estação chuvosa e que o verão é a estação seca.

---

<sup>1</sup> Autor de duas obras relevantes dentre outras, vale destacar Geografia da Fome (1946) e Geopolítica da fome (1951), que lhe valeu o reconhecimento internacional e lhe deu o título de Cidadão do Mundo.

No período de estiagem os reflexos são mais visíveis, diminui a produtividade agrícola, falta d'água nos tanques, barreiros, ausência de comida no pasto, perdas de animais, a caatinga perde as suas folhas, menores possibilidades de vendas no comércio, de execução de planos e consequentemente interfere na vida da população tanto do campo quanto da cidade.



**Figura 2:** Paisagens em período seco no povoado Ladeira, município de Poço Verde/SE.  
**Fonte:** OLIVEIRA, Alberlene Ribeiro de., 2012.

No trabalho de campo foi possível identificar a luta dos sertanejos pela sua própria sobrevivência e também a dos animais, principalmente no período da seca. Nos povoados pesquisados há água encanada, exceto em Lajes e Amargosa. Contudo, não chega água todos os dias, isto porque com a falta de chuvas e com tanques secos o abastecimento se reduz nas áreas residenciais e alguns pecuaristas utilizam a água também para os animais, diminuindo assim a disponibilidade e os moradores reclamam porque tem que pagar todo mês e não usufruem da água. É utilizada também água dos poços tanto para o consumo humano, quanto para o animal, além de carros-pipas.

Para Pinto (1999, p.74) é certo que a pecuária reduz substancialmente no período seco, por transferência do rebanho, inclusive para fora do Estado. Aumentam as despesas com o transporte do gado e com o aluguel de pastos e diminui também a produção de leite no período. Não obstante, os pequenos pecuaristas do município não têm condições de alugar pastos e alimentam os animais com ração de palma, farelo, mandacaru (espécie da vegetação caatinga), outros vendem 50% inferior ao preço normal, porque não têm condições de comprar ração. Além de faltar comida, a água é também um problema que afeta a vida de todos os seres vivos.

Segundo Bonnemaïson (2002, p.84), a paisagem é uma estrutura visual na qual se leem, ao mesmo tempo, o dinamismo e as relações entre uma série de fatos físicos, sociais e econômicos. Esse fato é marcado por alguns depoimentos colhidos na pesquisa realizada.

Ficamos tristes ao ver o tempo tão quente, na cidade não sentimos tanto porque tem água nas torneiras, mas no campo, os tanques secaram não tem água nem comida para os animais, já morreram animais no nosso pasto, não gostamos nem de encontrar os amigos nesta época (Agricultora, 63 anos, sede do município).

A seca de 2012 está sendo uma das piores de todos os tempos, animais morreram, não conseguimos plantar pela falta de chuva, emprego não tem na roça, nem de pedreiro, estamos vivendo da bolsa família (Agricultor, 53 anos, Lagoa do junco, 2012).

Os discursos dos entrevistados representam a vivência dos agricultores no campo, seja ela material ou emocional, em um movimento de luta pela sobrevivência, que representa também a sua identidade cultural.

A falta de emprego no período de estiagem é uma realidade no município, os agricultores sobrevivem de aposentadoria e de bolsas de programa de governo federal; Ficam submissos às estratégias do sistema econômico, tornando-se um ciclo vicioso acomodando-os a viver passivos dessa contribuição imediatista. Foi possível observar pais de família sentados nos alpendres de casa, olhando para o tempo, sem trabalho, sem chão, nem no quintal havia aves para ajudar na sua alimentação e sobrevivência, à espera das bolsas governamentais mensais para sustentar toda a família.

A maioria dos entrevistados tem uma visão natural e acreditam que as ações assistencialistas são viáveis e que o governo é “bom” por ajudar neste momento. Embora existam também agricultores com uma visão crítica, sendo a minoria.

Como o campo tem uma relação proximal com a cidade, o reflexo da seca interferiu no econômico e conseqüentemente no social. Há uma redução de vendas no comércio, os sertanejos dividem a sua renda mensal em partes para sua alimentação e outra para comprar ração para os animais. Além disso, segundo os comerciantes a partir da pesquisa de campo, surge também inadimplência pela falta de pagamentos, modificando todo o sistema produtivo e afetando assim a qualidade de vida.

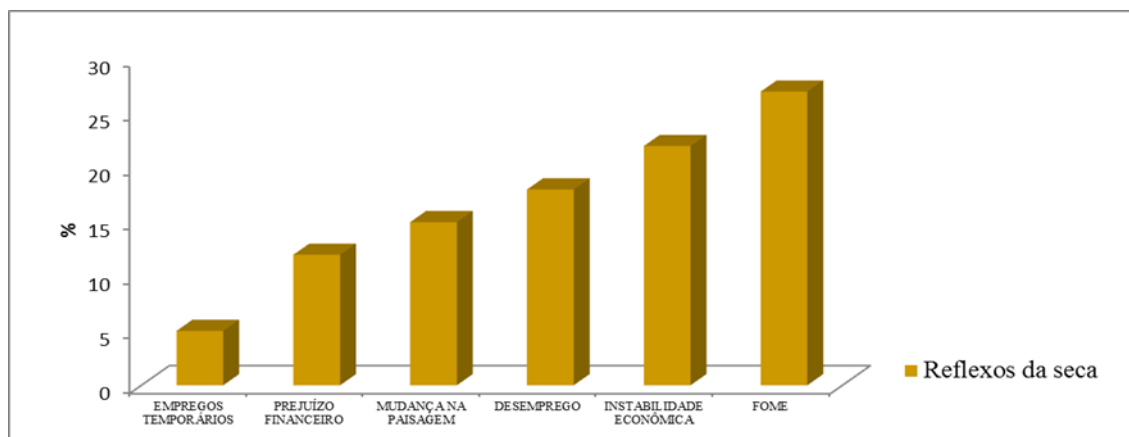
A preocupação dos comerciantes nesta época não é tanto vender, mas receber os pagamentos para também pagar onde eles já compraram as mercadorias. É um sistema aberto que é preciso ocorrer um equilíbrio, caso um dos fatores apresente desequilíbrio, os demais também serão atingidos. Dentro deste contexto, tudo está interligado desde os processos naturais, produtivos, trabalho, relações sociais, pois é um sistema de *inputs* e *outputs* que interfere em toda cadeia produtiva.

Portanto, quando há boa safra o comércio tende a se desenvolver e a ter um maior fluxo de circulação, distribuição e consumo de mercadorias tendo em vista que a economia



local gira a partir da atividade agrícola, embora existam outros serviços públicos e privados que são realizados no campo e na cidade.

Um dos questionamentos da pesquisa de campo foi sobre o reflexo da seca que mais se destaca na paisagem do município (figura 3) segundo a percepção dos entrevistados. É importante relatar que os dados são resultados de trabalho de campo, com base em entrevistas semiestruturadas, associadas à observação pessoal, calcada em teorias relativas a realidades semelhantes.



**Figura 3:** Reflexos socioeconômicos da seca no campo e na cidade do município de Poço Verde Sergipe.

**Fonte:** Trabalho de campo, 2012.

**Organização:** OLIVEIRA, A.R.

De acordo com os resultados dos entrevistados a fome destaca-se como o maior reflexo da seca representando 27% das respostas dos entrevistados, em seguida a instabilidade econômica com 22%. Esses fatos estão relacionados ao desemprego (18%), ao emprego temporário (5%) e a perda da produtividade, pois se não há produção e trabalho consequentemente a renda da população diminui tanto para os moradores que sobrevivem da atividade agropecuária quanto para os comerciantes, surgindo em alguns casos à migração dentro do próprio estado ou para outras regiões brasileiras. Mas o sertanejo tem amor pela sua terra, família e amigos, trabalha um bom tempo em outro local, e após o período volta para o seu lugar.

Simultaneamente ocorre prejuízo financeiro (12%) principalmente os que investiram na lavoura, pois a falta de chuva e de investimento na construção de poços para irrigação traz influência na realização e na produtividade agrícola. Portanto, a ausência de políticas públicas sólidas impede a solução desse problema, pois é um fato antigo, revestido de novo.

A mudança da paisagem corresponde a 15%, relacionada tanto aos processos naturais quanto ao social, visto que com a seca ocorrem transformações no ambiente. Segundo Bertrand (2007, p. 223), qualquer paisagem é ao mesmo tempo social e natural, subjetiva e

objetiva, espacial e temporal, produção material e cultural, real e simbólica. Dada à sua complexidade não se devem estudar itens apenas, mas sim a globalidade do fenômeno.

No transcorrer dos anos, a ocupação humana e a intensa exploração dos recursos naturais, desmatamento indiscriminado e agropecuária extensiva, vem transformando os aspectos paisagísticos, promovendo a degradação física, química e biológica do solo; Além disso, mudam-se também as relações humanas, as de produção, circulação, distribuição, num movimento dialético. A paisagem diurna é diferente da noturna na escala espacial e temporal. Parafraseando Bertrand, a paisagem é dinâmica, indissociável, em perpétua evolução.

### **A RELAÇÃO DO SERTANEJO COM AS INTEMPÉRIES CLIMÁTICAS**

A lógica da convivência com o semiárido visa focar a vida nas condições socioambientais desta região, em seus limites e potencialidades, pressupondo novas formas de aprender e a lidar com esse ambiente, na busca de alcançar e transformar todos os setores da vida [...], oportunizando organizar e criar alternativas de produção (CARVALHO, 2004, p.22).

Assim, para o sertanejo conviver de forma harmoniosa no semiárido, é imprescindível se adaptar ao clima e, especificamente, ao fenômeno da seca; saber se relacionar com a terra, buscar formas sustentáveis de produzir, respeitando a dinâmica da natureza. O semiárido tem sido caracterizado como área de pobreza, fome, miséria e insustentabilidade econômica, sendo deturpada pela mídia principalmente em tempos de seca. É preciso compreender que nestas áreas há terras férteis, culturas, povos batalhadores que lutam por uma vida melhor e que devem ser respeitadas as diversidades em todos os aspectos sociais, culturais e econômicos.

Malvezzi (2007, p.9) corrobora com esta discussão: [...] O Semiárido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história, processo social. Não se pode compreendê-lo de um único ângulo [...].

O Semiárido é bonito, viável e bom para se viver. Tem uma população forte, lutadora, criativa, que cultiva uma intensa relação com a natureza, uma intensa sociabilidade e uma cultura de trabalho e festa. Sua população é de aproximadamente 30 milhões de pessoas, e cerca de 13 milhões vivem no meio rural. É a região brasileira com maior densidade rural. Portanto, o Semiárido não pode ser visto apenas do ponto de vista de seu clima, mas também de sua construção histórica, social e política. [...] A superação dessa crise impõe uma profunda reorientação nos fundamentos sociais, técnicos e fundiários que dão sustentação a esse modelo socialmente excludente e ambientalmente degradador. Para nós, portanto, é necessário um outro modelo de desenvolvimento, aproveitando-se bem o potencial do Semiárido,

respeitando-se as características do bioma e adaptando-se a elas. [...] A essa nova compreensão de desenvolvimento é que damos o nome de ‘convivência com o Semiárido (ASABRASIL, 2008b)

A convivência do homem com a semiaridez pode ser assegurada. O que está faltando são medidas de política agrária e agrícola, tecnologias apropriadas, gestão democrática e descentralizada dos recursos hídricos e da coisa pública – para corrigir as distorções estruturais seculares, responsáveis pela perpetuação da miséria e da pobreza no meio rural (FÓRUM NORDESTE, 1993 p. 5, in: DINIZ, 2002, p. 44).

No discurso contemporâneo surgem novas instituições que assumem um papel relevante para a consolidação da convivência no semiárido. Desta forma, a “Declaração do Semiárido foi o documento que consolidou as bases do fórum de organizações da sociedade civil Articulação no Semiárido Brasileiro-ASA, congregando centenas de instituições Não-Governamentais (ONGs; Sindicatos e Federações de trabalhadores Rurais; Igrejas Católicas e Evangélicas; Cooperativas; Organizações Comunitárias de Base, Entidades de Cooperação, dentre outras) localizadas nos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo (BRASIL, 2006)”.

Algumas ações estão sendo aplicado no semiárido como as cisternas, pelo programa ASA, o Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido: Um Milhão de Cisternas (P1MC). Surgiu em julho de 2003, sua meta é beneficiar cinco milhões de pessoas em toda região semiárida com água potável para beber, cozinhar através de cisternas de placas.

Mas jamais o Estado Brasileiro encontrará sucesso se as necessárias obras de infraestrutura básica e tecnologias agrárias adequadas forem aplicadas apenas em favor de uns poucos privilegiados que detém o poder político em detrimento – e mesmo obstinada oposição – aos interesses da massa da população carente de educação e saúde que, apesar de todas as agruras da natureza, ainda padece mais por aquelas impostas pela desigualdade social. (MONTEIRO, 1999, p. 21)

Além das cisternas, os sertanejos utilizam outros mecanismos de ação de Diretriz de reforma hídrica de convivência que são os poços, embora a maioria esteja desativada. Outra forma de convivência utilizada pelos sertanejos é a partir do programa PAIS - Produção Agroecológica Integrada Sustentável que consiste em um galinheiro no centro, uma horta ao redor e um quintal agroecológico, tudo isso movido a um sistema de irrigação por gotejamento. Dessa forma, ao utilizar melhor os recursos de suas propriedades, é possível

reduzir custos, economizar água e ainda diversificar a produção, auxilia na sobrevivência e amplia a fonte de renda para a família.



**Figura 4 e 5:** Produção Agroecológica Integrada Sustentável no Município de Poço Verde- Barros.

**Fonte:** OLIVEIRA, Alberlene Ribeiro de., 2012.

**Figura 6:** Produção de hortaliças no município de Poço Verde- Barragem.

No trabalho de campo, realizado em oito povoados só foi encontrado este tipo de plantio desenvolvido apenas por duas famílias e em locais diferentes das que estão inseridas na pesquisa. É uma alternativa louvável, pois contribui para a alimentação da família como também é uma fonte de renda, que auxilia na compra de mercadorias industrializadas.

No município há também agricultores que estão buscando novas alternativas para ampliar a fonte de renda com menor dependência das chuvas. Como exemplos têm a tecelagem realizada em Amargosa e Malhadinha; a criação de cabras para fabricação de manteiga, doce, iogurte, leite, estes estão sendo vendidos para a prefeitura e distribuídos para as escolas municipais; a apicultura e os cosméticos de palmas (Shampoo, condicionador, sabonetes) entre outros.

Para amenizar a fome dos animais no período da seca é importante o plantio de palma forrageira, sorgo, construção de silagem (Figura 7, 8 e 9), visto que a pastagem fica rala porque os animais estão comendo e como à precipitação é menor não tem como surgir uma nova gramínea. Embora nem todos os sertanejos tenham condições financeiras para a realização desses cultivos.



**Figura 7:** Ração de cevada com milho em Amargosa, Poço Verde/SE.

**Fonte:** OLIVEIRA, A.R., 2012



**Figura 8:** Construção de silo nas Lajes em Poço Verde/SE.

**Fonte:** OLIVEIRA, A.R. 2012



**Figura 9:** Plantio de palma no povoado Ladeira, Poço Verde/SE.

**Fonte:** OLIVEIRA, A.R., 2012

É importante que os agricultores utilizem técnicas adequadas na plantação com manejo sustentável no solo baseado na valorização do potencial ambiental.

O Estado de Sergipe tem uma forte tradição agrícola nas suas atividades econômicas, ligado à agricultura e à pecuária, mas a seca tem sido, por muito tempo, o limite da expansão da agricultura, ampliando as pastagens, em substituição de algumas lavouras tradicionais. Para os sergipanos do campo, o gado vai até aonde a roça não chega (PINTO, 1999, p. 158).

A educação também é um dos caminhos para orientar a população acerca dos problemas ambientais e socioeconômicos que são introduzidos na sociedade. Os profissionais deverão ser especializados na área para ter um ensino de qualidade e que possam participar de cursos de capacitação para atuarem com o mesmo grau de competência no campo e na cidade.

Torna-se essencial conhecer a realidade local, resgatar a autoestima dos discentes que poderão tornar futuros agricultores. Assim, os docentes trabalharão com um novo olhar, novas práticas e ideias valorizando o saber dos educandos, pois o professor não é o único conhecedor. Esta perspectiva demanda que a didática do professor trabalhada em sala de aula seja desenvolvida de forma coerente envolvendo a teoria-prática apoiada em metodologias que dinamizem as aulas e instigue o discente a pensar sobre a realidade que convivem, ou seja, tendo a partir do cotidiano a leitura de mundo.

É importante também que toda a comunidade escolar participe dos eventos na escola e a mesma possa levar as informações orientando as comunidades locais sobre os processos geoambientais para que os agricultores utilizem a terra de forma adequada sem prejudicar o ambiente.

Nesse sentido, é fundamental que o homem do campo possa conviver com o semiárido na perspectiva socioambiental, buscando um novo redimensionamento que possibilite práticas sustentáveis de produção.

O Semiárido é um dos tantos sertões presente no Brasil, assim como Guimarães Rosas afirma em sua obra Grande Sertão: Veredas, “o sertão está em toda parte”, por isso, é importante considerar as potencialidades e alternativas de convivência, superar os desafios, adaptando-se de forma inteligente a semiaridez da região.

## **CONCLUSÕES:**

A seca é um dos azares climáticos no município de Poço Verde/SE, analisada como fenômeno natural e multidimensional, englobando fatores de ordem política e socioeconômica, em seus reflexos locais.

O discurso do Estado sobre a seca era de uma natureza hostil que perpassa nos dias atuais como natureza sustentável surgindo novas roupagens de políticas públicas com ações pontuais e assistencialistas, a exemplo da bolsa estiagem, distribuição de cestas básicas, carro-pipa, etc. Esse sistema gera dependência política principalmente para os que vivem no campo e necessitam dos benefícios imediatistas por não ter outra fonte de renda. Parafraseando Raffestin, essas ações são na verdade relações marcadas de poder.

E assim, Poço Verde/Sergipe, uma amostra de pequena dimensão territorial, padece de questões complexas maiores, sobretudo pelas repercussões socioeconômicas percebidas nas correlações comportamentais do clima, ainda que não sejam consideradas excepcionais. Tais correlações são presenciadas na produção agrícola, no sistema hidrográfico que abastece a cidade e povoados, pela inconstância térmica urbana, na constituição de pequenos efeitos de atrito, fomentando o “mito da necessidade”.

Nesse sentido, os sertanejos poçoeverdenses sofrem no período de estiagem e seca, com reflexos tanto no campo quanto na cidade, sendo que há correlação entre os processos naturais, econômicos, sociais e políticos. Portanto, é relevante buscar alternativas de convivência com o semiárido para que os agricultores aprendam a lidar com esse ambiente que tem seus limites, mas que também possuem suas potencialidades para melhorar as condições de vida da população.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR. As invenções e representações em torno do semiárido: implicações na educação. In: **I Seminário Regional: Educação no Contexto do Semiárido Brasileiro**. Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da RESAB, 2000.

ANDRADE, Manuel Correia. **A terra e o homem**: contribuição ao estudo da questão agrária no nordeste. 7ª edição. São Paulo:Cortez, 2005.

ANDRADE, Manuel Correia. **A problemática da seca**. Recife: Líber, 1999.

ANDRADE, Manuel Correia. **Nordeste**: alternativas da agricultura. São Paulo: Papius, 1988.

BERTRAND, Georges. BERTRAND, Claude. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Org.: Messias Modesto dos Passos. Maringá: Ed. Massoni, 2007.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORREA R. ROSENDHAL, Z. (Org.). **Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

BRASIL. MMA. Ministério do Meio Ambiente/Secretaria de Recursos Hídricos/Coordenação Técnica de Combate à Desertificação. 3ª edição Brasileira. **Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação**: Programa Nacional de Combate à Desertificação. Brasília (DF), 2006.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **RESSIGNIFICAÇÃO E REAPROPRIAÇÃO SOCIAL DA NATUREZA: Práticas e Programas de „Convivência com o Semiárido” no Território de Juazeiro – Bahia.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2006.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro- pão ou aço.** 3ª Ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Iná Elias de. **Mito da necessidade:** discurso e prática do regionalismo Nordeste. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

DINIZ, José Alexandre Felizola. **A condição camponesa em Sergipe.** Aracaju: UFS/NPGeo, 1996.

FURTADO, Celso. **A Operação Nordeste.** Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB/MEC, 1959. (Coleção Textos Brasileiros de Economia).

MARTINS, Josemar da Silva, REIS, Edmerson Santos. **Tecendo a Rede:** Notícias Críticas do Trabalho de Descolonização Curricular no Semi-Árido Brasileiro e Outras Excedências. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia/Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE, Salvador, Bahia, 2006.

MENEZES, Ana Virgínia Costa de. **Estado e Organização do Espaço Semiárido do Sergipano.** Aracaju: UFS/NPGeo, 1999.

MENEZES, Djacir. **O outro nordeste:** formação social do nordeste. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937 (Coleção Documentos Brasileiros, nº 05).

MONTEIRO, Carlos Augusto de F. O estudo geográfico do clima. **Cadernos Geográficos.** Florianópolis: Ed. da UFSC, n. 1, 1999.

PINTO, J. E. S. de S. **Os reflexos da seca no Estado de Sergipe.** São Cristóvão: NPGeo, UFS: 1999.

PINTO, J. E. S. de S. AGUIAR NETTO, Antenor de Oliveira. **Clima, Geografia e Agrometeorologia:** Uma abordagem Interdisciplinar. São Cristóvão: Editora-UFS, 2008.

QUEIRÓZ, R. de. **O Quinze.** Fortaleza, 1930 (Prêmio da Fundação Graça Aranha); 2ª ed., 1931; 3ªed., São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1942, 4ª ed. e seguintes (com desenhos de Poty), Rio de Janeiro, José Olympio, 1948, 51ª ed., 1992; 56ª ed., São Paulo, Siciliano, 1997.

RAMOS, G. **Vidas Secas.** Posfácio: Álvaro Lins. Ilustrações: Aldemir Martins. 34ª ed. São Paulo: Martins, 1975.